

Mário Barata – um depoimento pessoal

Arno Wehling*

Conheci Mario Barata no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1980. Logo passei a conviver com ele também na UNIRIO, onde lecionava no Curso de Museologia. Em ambas as Instituições estava de regresso, pois fora aposentado compulsoriamente com base no Ato Institucional nº 5, em 1969.

Na UFRJ estreitamos nossas relações no colegiado do Curso de Mestrado em História, coordenado à época por nosso confrade Eulália Lobo. Quando fiz concurso para professor titular, estive em minha banca. Na UNIRIO também convivemos longo tempo e tive a honra de fazer-lhe a saudação, em nome da Universidade, quando recebeu o título de Professor Emérito.

À minha mulher sempre tratou com especial carinho e deferência, cuidado provavelmente acentuado pela comum origem paraense. Seu último gesto de delicadeza para conosco foi a presença na sessão dos conselhos superiores da UNIRIO, quando ela própria recebeu o título de Professora Emérita. Saíra recentemente do hospital e estava abatido, mas não deixou de levar seu abraço.

Sobre a atuação universitária de Mario Barata já se falou muito bem nesta mesa em sua homenagem. Por isso, gostaria de registrar algumas observações sobre sua atuação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Mario Barata aqui entrou em 1961, à época da presidência do embaixador Macedo Soares. Pedro Calmon era orador, Wanderley Pinho atuava intensamente a partir da segunda vice-presidência. O mundo era diferente: vivia-se a guerra fria, erguera-se naquele ano o muro de Berlim. O Brasil era diferente: a assembléia que o elegeu, em setembro, ocorria logo depois da renúncia de Jânio Quadros. O Rio de Janeiro era diferente: a cidade-estado da Guanabara trepidava na azáfama política da crise de posse do presidente João Goulart e fervilhava de projetos e obras do governo Carlos Lacerda. O Instituto era diferente: Mario Barata vinha da Universidade, como professor de História da Arte, mas os professores universitários eram poucos ou não se identificavam prioritariamente com esta atividade: ele próprio ingressava na Casa como historiador, crítico de arte e jornalista, mais do que como professor universitário.

Desenvolveu uma intensa atividade no Instituto, ao longo desses 46 anos, tendo sido membro de comissões e atuando em eventos científicos – cabe lembrar que foi sua a inspiração e a coordenação do Congresso que, em 1989, patrocinamos a propósito do centenário da República. Exerceu, também, a partir de 1994 a segunda vice-presidência da Casa, cargo que ocupava quando faleceu e integrava o Conselho Consultivo do Instituto.

Com abertura de espírito, Mario Barata abrangeu em seu campo de interesse a história da arte, a história da imprensa, a história do Rio de Janeiro e a história do Pará, embora tenha feito diversas incursões em outras áreas. De sua participação na vida intelectual do Instituto dão detalhado registro nossa Revista, os anais dos congressos em que atuou e as atas da Cephass – Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas.

Na Revista, sua contribuição mais antiga remonta a 1961, quando publicou o trabalho "Afonso d'Escagnolle Taunay e a Missão Artística de 1816" fruto de conferência aqui realizada em agosto do ano anterior. Foram ao todo 39 estudos, entre artigos, resenhas, registros e discursos de recepção.

Constam, também, colaborações suas nos anais do Congresso de História do Segundo Reinado, realizado em 1975 e no do centenário da República, de 1989.

Na Cephass, em cujas sessões era dos mais freqüentes, registramos 82 intervenções. Aí encontramos um longo painel de seus interesses e de suas motivações intelectuais, com a abordagem de temas como colofons de livros, notas biográficas (como, por exemplo, as que fez sobre Anísio Teixeira, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Francisco Venancio, Magalhães Barata, D. Mateus Ramalho Rocha, Afonso Claudio, Barbosa Lima Sobrinho, Lafaiete Cortes, Egon Woff, Afonso Arinos de Melo Franco e muitos outros), instituições culturais do Rio de Janeiro, historiografia brasileira, museologia, além de registros bibliográficos e de eventos culturais.

A presença constante, a capacidade de bem conviver e a identificação com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro fizeram de Mario Barata um marco na história da Casa da Memória Nacional.

* Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro